

Cresce a guerra PMDB-PFL pelo controle do governo

CLÓVIS ROSSI
Enviado especial do Brasil

Está em curso uma surda mas feroz batalha pelo controle do governo José Sarney. Contadores: de um lado, um grupo que pode ser rotulado de centro-direita, comandado pelo PFL e que inclui um lote de peemedebistas, o principal dos quais é o PDS. De outro, um PMDB fortemente majoritário mas imobilizado pelas suas contradições internas e pela acefalia decorrente do acúmulo de cargos por seu presidente nacional, Ulysses Guimarães.

A ponta visível dessa guerra surda foi a nota emitida antemão pelo bloco conservador (PFL-PDS-PCD-PL-PTB-PMB), exigindo do governo toda a verdade sobre a situação econômica e recomendando a urgente adoção de medidas severas.

O senador Mário Covas (PMDB-SP), 56, interpreta a nota como um aviso ao presidente da República do seguinte teor: se ele quiser se livrar dos peemedebistas que o incomodam, pode contar com esse bloco conservador, que seria fatalmente engrossado por um contingente de peemedebistas ditos "moderados".

O deputado federal Antônio Carlos de Mendonça Thame (PFL-SP), 40, reforça a impressão de seu adversário peemedebista, ao dizer que o PFL decidiu não oferecer ao governo qualquer proposta concreta para as mudanças na economia. "O ônus de apresentar a proposta é dos ministros



Imobilismo do PMDB se agrava com o acúmulo de cargos por Ulysses Guimarães

do PMDB, a menos, é claro, que o presidente decida substituí-los por ministros do PFL.

Mendes Thame não está expressando apenas uma opinião pessoal: ele foi o autor da moção aprovada na semana passada, pela bancada de seu partido, na qual se pedia a cabeça dos ministros da área econômica, todos eles do PMDB. Apesar de aprovada, a moção ficou engavetada,

à espera de uma nova oportunidade de ser exibida à opinião pública, que pode ser dada pelo pacote econômico que o governo terá que adotar cedo ou tarde.

Se o pacote tiver de novo um caráter heterodoxo, o PFL o rechaçará, como jura o seu líder na Câmara, deputado José Lourenço (BA), 53. Por heterodoxo, Lourenço entende, por exemplo, o Cruzado 1 e

sua carga de interferência do Estado na economia. "O Estado precisa parar de intervir na economia", afirma o líder do PFL.

E se o governo insistir na heterodoxia? "Vai ser difícil continuar no governo", responde Lourenço.

Alternativa

Mais do que retórica, a postura de Lourenço tem o respaldo de um documento já pronto, preparado pelo deputado federal Antônio Delfim Netto (PDS-SP), 58, czar da economia brasileira no governo anterior. É uma alternativa de centro-direita para um pacote econômico que leve a marca centro-esquerda do PMDB, e que é guardada a sete chaves pelo presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho.

O PMDB, por enquanto, tem a resposta apenas na ponta da língua, mas não no papel: "Se alguém pensa que pode impor uma política econômica igual à de Delfim Netto, com liberdade e democracia, está louco", fulmina Ibsen Pinheiro (RS), 50, vice-líder peemedebista.

O problema é que o PMDB é uma federação de tendências, umas devidamente representadas por Pinheiro, de centro-esquerda, mas outras mais próximas da ortodoxia econômica defendida pelo PFL. E, no momento, falta a essa federação uma linha diretora capaz de enquadrá-la firmemente.

"Estamos acefalos. Cada um está seguindo apenas as suas próprias

idéias pessoais", queixa-se o deputado federal Geraldo Alckmin Rodrigues (PMDB-SP), 34, ecoando reclamações em voz baixa de incontáveis outros peemedebistas.

Por isso mesmo, a bancada paulista, após almoçar ontem com Ulysses Guimarães, deu a partida em um movimento destinado a escolher um líder para o partido no Congresso constituinte, que passaria a ser o aglutinador partidário. Ele preencheria o vazio deixado pelo presidente Ulysses Guimarães, excessivamente atarefado, e que tampouco foi ocupado pelos líderes do partido na Câmara, Luiz Henrique da Silveira, e no Senado, Fernando Henrique Cardoso.

O nome que está sendo lançado para a liderança no Congresso constituinte é o do senador Mário Covas.

O presidente José Sarney provavelmente até agradecerá o preenchimento do vácuo. Em conversas com parlamentares que recebe frequentemente em audiência, Sarney queixou-se da falta de interlocutores do PMDB. O presidente disse que conversa com Ulysses Guimarães, não só pelo bom relacionamento entre ambos mas também por ser Ulysses o presidente peemedebista, mas sente que as conversas não se espalham pelo partido.

Consequência: o governo não se sente solidamente respaldado pelo partido que é majoritário no Congresso. Por isso mesmo, Sarney resolveu indicar um líder próprio, o

deputado peemedebista Carlos Sant'Anna, sem que, até aqui, ele tenha realmente conseguido fazer uma sólida ponte entre o governo e a maioria que supostamente o apóia no Parlamento.

Ofensiva

O imobilismo do PMDB gerou outro tipo de consequência: a ofensiva do PFL com vistas a se transformar na principal sustentação governamental, ponto de partida para a guerra com o PMDB pelo controle do governo.

O deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), 48, vê nessa ofensiva uma similitude com o que ocorreu no final do governo Figueiredo: naquela ocasião, lembra Lyra, foi também Aureliano Chaves (então vice-presidente, hoje ministro de Minas e Energia) quem abriu a dissidência no PDS que desembocou, depois de muitas peripécias, na eleição de Tancredo Neves-José Sarney. Aureliano dissidiu, então, não para cair na oposição, mas para ficar no governo — como ficou, diz Lyra.

Agora, a história pode se repetir, até porque uma etapa intermediária (o grito de "diretas-já") também começa a ser percorrida: o próprio Lyra o lançou há dias e, ontem, o senador Iram Saraiva (PMDB-GO), 42, o repetiu: "Não há justificativa para que o país, na vigência de uma nova Carta, fruto de uma Assembleia Nacional Constituinte, continue a ser governado por alguém que foi escolhido pela via indireta".

Quêrcia se encontra com Marinho, no Rio

O governador eleito de São Paulo, Orestes Quêrcia (PMDB), fez ontem, a partir das 14h, uma visita de quase três horas à sede da Rede Globo de Televisão, no Jardim Botânico, zona sul do Rio. Lá, Quêrcia se encontrou com o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, e com toda a diretoria de jornalismo. O secretário particular de Marinho, Carlos Alberto, negou a presença do governador eleito, mas ela foi confirmada por funcionários da portaria.

Fiscalização do TCE

A Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul pediu ontem ao Tribunal de Contas do Estado (TCE) que fiscalize suas contas, permanentemente, a partir do início dos trabalhos, em março. O TCE acatou o pedido e deslocará uma equipe exclusivamente para aquela Casa. Para o 1º vice-presidente da Mesa da Assembleia, deputado Carrion Júnior (PMDB), a medida "evitará que se tome conhecimento de má execução orçamentária a longo prazo".

Atentado a bispo

O secretário de Segurança Pública da Paraíba, Pedro Belmont, designou ontem o delegado Domingos Ferreira de Almeida para presidir o inquérito que apura o atentado a tiros ao bispo-auxiliar da Arquidiocese da Paraíba, d. Marcelo Pinto Cavalheiro, ocorrido sábado, na Fazenda Varelo de Cima, em Araruna, 130 km a noroeste de João Pessoa (PB).

Servidores de Alagoas

O presidente da Assembleia Legislativa de Alagoas, Francisco Mello (PMDB), 56, disse ontem que dois funcionários da Casa foram colocados ontem à disposição da Câmara dos Deputados — onde ficarão a serviço do deputado federal Roberto Torres (PTB-AL), 56, pagos pelos cofres públicos do Estado —, para atender solicitação do presidente da Câmara, do PMDB e do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães.

Visita de ministra britânica

A baronesa Young, ministra do Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, onde é responsável pelas relações de seu país com a América Latina, visitará o Brasil de 18 a 23 de março. "Lady" Young se encontrará, em Brasília, com o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores brasileiro, Paulo Tarso Flecha de Lima, e deverá visitar Belo Horizonte (MG), Ouro Preto (MG) e Rio.

Prazo para João Alves

O governador de Sergipe, João Alves Filho, terá um prazo de 48 horas, após receber notificação judicial, para confirmar ou não a acusação feita durante a campanha eleitoral contra o senador Albano Franco (PMDB-SE), responsabilizando-o, juntamente com o seu irmão, o deputado federal Antônio Carlos Leite Franco (PMDB), e o candidato derrotado ao governo pela coligação PMDB-PDS, José Carlos Teixeira, pela ameaça de morte à sua esposa e à sua família.

Planalto decifra perfil da Constituinte

MÁRCIO CHAER
Repórter do Suplural de Brasília

Mais da metade dos congressistas constituintes não age de acordo com qualquer modelo ideológico. Essa é a primeira constatação das análises que se vêm produzindo no Palácio do Planalto para decifrar o perfil do Congresso constituinte.

Definidos como o "enigma da esfinge" pelo líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), 55, os 62% dos congressistas (57% em primeiro mandato) estão sendo procurados, individualmente, pelo chefe do Gabinete Civil para Assuntos Parlamentares, Henrique Hargreaves, para uma ampla sondagem de seus ânimos em relação ao governo Sarney e ao destino político e econômico do país. Esses dados alimentarão um micro-computador bloqueado só para essa finalidade, para evitar que o sigilo das informações — algumas bastante indiscretas e delicadas — venha a ser quebrado.

"Precisamos saber em torno do que os constituintes se unem e onde eles se separam", afirma Sant'Anna. Pelas primeiras pesquisas examinadas no Palácio concluiu-se que os agrupamentos convencionais no espectro que vai da extrema-direita à extrema-esquerda não servem para explicar as tendências dos parlamentares em relação à maioria dos temas constitucionais.

Contra o aborto e a pena de morte, por exemplo, unem-se, indistintamente, a maioria dos congressistas. O mesmo ocorre na discordância com o instituto do decreto-lei e na defesa de uma reforma tributária. O que o governo quer saber, no entanto, é até que ponto vai a permeabilidade dos constituintes em relação aos argumentos do Poder Executivo federal e até que ponto eventuais confrontos de posições poderão deixar sequelas danosas para o governo Sarney.

A base de raciocínio do Planalto, que levou à nomeação do atual líder do governo, Carlos Sant'Anna, é a de que o perfil do PMDB e da maioria

dos congressistas dos demais partidos é moderado. Foi Sant'Anna, por exemplo, que articulou na Câmara a candidatura Tancredo Neves, em 1984. Na ocasião, o único nome cogitado pelo partido era o de Ulysses Guimarães, mas o deputado levantou entre os peemedebistas egressos do PP — do qual Tancredo fora dirigente — uma lista de assinaaturas que destruiria os sonhos presidenciais de Ulysses.

O próprio Sant'Anna admite que a sua tática na montagem de um bloco favorável a Sarney começará pela costura de uma posição comum entre os moderados e, a partir daí, cavalegando a parcela que se acredita majoritária, se iniciaria a negociação com os demais seguimentos.

Pelo mapeamento ideológico realizado pela Folha, o Congresso constituinte está assim dividido: 181 parlamentares são de centro, 131 de centro-direita, 69 de direita (subtotalizando 381 congressistas), 126 de centro-esquerda e 52 de esquerda (agrupando 31% dos congressistas).

Constituinte pode processar Hebe Camargo e Giba Um

A Mesa diretora do Congresso constituinte poderá processar a apresentadora Hebe Camargo e o colunista social da Folha da Tarde, Giba Um (Gilberto di Pierro), sob acusação de ofenderem os constituintes durante o programa "Hebe e Você", do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), levado ao ar na noite da última terça-feira.

Os constituintes teriam sido chamados de "corja de safados", "ladrões" e "vagabundos", segundo os depoimentos que chegaram ao presidente do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães. Ontem mesmo, o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, determinou ao Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) que requirite o teipe do programa de Hebe Camargo, respondendo a ofício que recebeu do segundo secretário da Mesa da Câmara, Paulo Mincaroni. Segundo Ulysses Guimarães, a fita deverá ser encaminhada à Procuradoria Geral da República "para as punições

cabíveis", já que "o Poder Constituinte se considera ofendido".

"Nota zero"

Procurada pela Folha até as 20h15, Hebe Camargo não foi localizada em sua casa. Um empregado da apresentadora, que se identificou como Paulo, disse que ela havia saído para jantar fora e não poderia localizá-la. Giba Um afirmou que sua interferência no programa dizia respeito não ao Congresso Nacional, mas aos deputados federais não-re-eleitos. Segundo ele, a crítica referiu-se ao aumento de 25% sobre a aposentadoria conquistada por esses parlamentares antes de deixarem o cargo. "No Aurélio (Novo Dicionário da Língua Portuguesa), corja é um bando de pessoas desprezíveis, indignas de nota. E a Constituição me permite avaliar e dar a nota que eu bem entenda", disse Giba Um, referindo-se aos deputados que, não-re-eleitos, receberam, segundo ele, "nota zero".

Sessões decepcionam os visitantes

Depois de sua abertura solene, o Congresso constituinte não conseguiu atrair a audiência pública de mais de cinquenta pessoas por dia nas suas galerias. As enfadonhas discussões em torno do regimento interno não prendem a atenção dos visitantes — muitos de outros Estados — por mais de alguns minutos.

"Nesse ritmo a nova Constituição não sai em menos de cinco anos", disse a visitante Neusângela Muniz Franco, 28, uma pesquisadora do CNPq que se manifestou "decepcionada" com o que via. Na opinião do estudante Paulo Roberto Barros, 20, "a Constituinte virou a nova jogada do governo, depois do Tancredo e do Cruzado". Segundo Barros, "o compromisso dos parlamentares é com as multinacionais, porque são elas que podem financiar suas campanhas e não os trabalhadores".

O estudante de Administração, Alfredo Ibiapina, 19, achou o Congresso constituinte "uma bagunça". Ibiapina fora à Câmara para tentar conseguir um emprego com algum deputado — "porque é só para isso que eles servem", completou seu acompanhante Carlos Augusto Guerra, um estudante de Economia.

A dona-de-casa Maria José Gomes, 62, moradora da Paraíba, e a sanitarista Maria Isabel Menezes, 44, concordaram com as críticas da apresentadora Hebe Camargo à morosidade dos trabalhos constituintes. Para Maria Isabel, os constituintes são "ilustres picaretas".

Todas essas críticas foram respondidas no mesmo tom pelos parlamentares de diferentes partidos ouvidos pela Folha: "Há um problema de desinformação e de desconhecimento em torno dos trabalhos do Congresso", disse Domingos Leonelli (PMDB-BA). Para os petistas José Genoíno e Plínio de Arruda Sampaio, "a população é induzida a erro pela campanha de desmoralização que a direita passou a mover contra a Constituinte, depois que se passou a discutir a soberania do poder".

Para o líder do PDS, Amaral Netto, "não se pode acusar ninguém generalizadamente, como fez Hebe Camargo". Enquanto o pedetista Amaury Muller viu nas acusações que se fazem contra o Congresso "a triste continuidade de um processo sistemático de combate ao Poder Legislativo".